

SENTIMENTOS ANTIPARTIDÁRIOS E SEUS DETERMINANTES NA AMÉRICA LATINA EM 2012

Audrey Karoline Marques Dias¹

Resumo: A literatura especializada aponta que os partidos políticos se encontram em crise, onde é questionada a vigência deles como mediadores entre cidadãos e Estado. Contudo, escassos são os estudos que se dedicam a investigar o comportamento negativo e antipartidário dos eleitores para com essas instituições. O presente trabalho pretende suprir esse gap, se debruçando sobre os vínculos negativos entre os cidadãos latino-americanos e partidos políticos. Mais especificamente, buscamos responder: que tipo de relação existe entre os indivíduos e as instituições partidárias na região latino-americana? E, o que levaria, em última instância, os eleitores dessa região a rejeitarem os partidos políticos? Assim, o trabalho ambiciona: colocar em destaque a conceitualização de antipartidarismo feita pela literatura, distinguindo como as teorias vêm tratando o fenômeno; também analisamos algumas medidas para identificar sua presença nas democracias latino-americanas, estabelecendo uma forma de mensurar sentimentos antipartidários; e, por fim, através de modelos multiníveis logísticos, buscamos os determinantes individuais e contextuais desses sentimentos. Para tal, serão utilizados dados produzidos pelo Latin American Public Opinion Project (LAPOP) (2006-2012) para vinte democracias latino-americanas.

Palavras chave: Sentimentos Antipartidários; Rejeição Partidária; Partidos Políticos.

Recebido em: 22/05/2018

Aceito em: 15/07/2018

¹ Doutoranda em Ciência Política na Universidade Federal de Minas Gerais. Contato: (amarquesdias@hotmail.com)

Anti-party sentiments and their determinants in Latin America in 2012

Abstract: The specialized literature indicates that the political parties are in crisis, where the validity of them as mediators between citizens and State is questioned. However, there are few studies devoted to investigating voters; negative and antipartisan behavior toward these institutions. This paper intends to fill this gap, focusing on the negative links between Latin American citizens and political parties. More specifically, we try to answer: what kind of relationship exists between individuals and party institutions in the Latin American region? And, what would ultimately lead voters in that region to reject political parties? Thus, the work aims to: highlight the conceptualization of antipartidarism made by literature, distinguishing how theories have been treating the phenomenon; we also analyzed some measures to identify their presence in Latin American democracies, establishing a way to measure antiparty sentiments; and finally, through logistical multilevel models, we seek the individual and contextual determinants of these feelings. To this end, data produced by the Latin American Public Opinion Project (LAPOP) (2006-2012) will be used for twenty Latin American democracies.

Key-words: Anti-party sentiments; Party Rejection; Political parties

1. Considerações iniciais

Os partidos políticos são uma condição necessária, embora não suficiente, para o funcionamento da democracia (Paiva, Braga & Pimentel Jr, 2007), e desempenham nela cerca de cinco a seis papéis fundamentais, sendo o mais importante a criação de *links* entre os cidadãos e o sistema político. Atualmente, a literatura especializada gravita ao redor de três proposições: a primeira reforça a necessidade dessas organizações nos sistemas democráticos, os considerando instituições cujas atividades ainda são essenciais para o funcionamento da democracia representativa; a segunda, que as organizações partidárias parecem estar se adaptando aos diferentes desafios, através de novos métodos e procedimentos; a segunda e a mais corrente, por sua vez, afirma o declínio dos partidos enquanto instituições capazes de fomentar a participação e a representação política (Dalton e Wattenberg, 2002).

Essa desconfiança também aparece nos estudos latino-americanos, de forma que a imagem corrente exprime um processo de estagnação dessas organizações, agravado por percepções negativas. Nessas perspectivas, os partidos apresentam os mais baixos índices de confiança, o que levaria a atitudes e comportamentos de desvalorização das instituições da democracia representativa. Sendo assim, para alguns teóricos, os eleitores apresentam dificuldade para identificar os partidos enquanto atores distintos, o que acaba se somando à aceitação de lideranças carismáticas e à baixa capacidade cognitiva de parte do eleitorado, resultando em uma alta volatilidade eleitoral e a entaves ao estabelecimento de laços entre partidos e eleitores (Kinzo, 2003).

Apesar dos baixos índices de preferência partidária ou da baixa confiança — que vêm reforçando a ideia de “crise” dos partidos políticos nessa região —, em sua maioria, as pesquisas continuam concentradas na importância, desenvolvimento e impacto das identidades partidárias sobre as democracias. Não negamos a relevância dessas análises, que aliás, chegaram a importantes conclusões sobre essas instituições. Por exemplo, Ribeiro, Borba e Carreirão (2011) afirmam que ainda há adesão dos indivíduos para com elas, e que a ligação subjetiva entre eleitores e partidos políticos existe de maneira consistente quando o foco reside sobre atitudes e valores.

Entretanto, existem poucos estudos na América Latina preocupados especificamente com os sentimentos mais negativos aos partidos políticos, e este trabalho pretende preencher essa lacuna. Propõe-se, aqui, explorar a relação dos cidadãos latino-americanos com essas instituições; em especial, cerra-se o escopo da pesquisa na parcela de eleitores para quem os partidos não fazem mais sentido, ou seja, naqueles que os rejeitam enquanto instituições da democracia representativa, denominados pela literatura como *antipartidários* (Poguntke, 1996; Poguntke e Scarrow, 1996; Bardi; 1996; Webb, 1996).

Estudos nessa temática encontram-se, ainda, em suas fases iniciais, e apresentam desafios tanto conceituais quanto operacionais. Portanto, procuramos neste *paper* resgatar a conceitualização de sentimentos antipartidários feita pela literatura, identificando como as teorias vêm lidando com esse fenômeno. Em um segundo momento, vamos discutir alguns meios de mensuração para verificar sua presença nas democracias latino-americanas. Nossa maior intenção é formular uma maneira consistente de medir esses sentimentos, e a partir disso, explorar seus determinantes. Por isso, as perguntas que nos norteiam são: qual o tipo de relação existente entre eleitores e partidos políticos na região latino-americana? E quais condições levaria, em última instância, os eleitores latino-americanos a rejeitarem os partidos políticos ou o sistema de partidos? Para responder essas questões, utilizamos como fonte de dados o banco *Latin American Public Opinion Project* (LAPOP), de 2006 a 2012, para 20 países.

Para além da introdução e considerações finais, o artigo está estruturado da seguinte forma: na primeira seção, apontamos o desenvolvimento na forma de pensar e a relação dos cidadãos com as organizações partidárias, dando destaque especial aos sentimentos antipartidários. Traremos, nesse momento, uma revisão dos trabalhos sobre o assunto, indicando a teorização dos principais autores sobre o fenômeno, além de apresentarmos as questões relativas à mensuração do fenômeno do antipartidarismo na América Latina. Na seção que se segue (seção 2), desenvolvemos questões referente à proposta metodológica e às hipóteses da pesquisa; e por fim, os resultados decorrentes dos testes estatísticos.

2. Antipartidarismo: uma revisão teórica e proposta metodológica

Há muito se debate o papel, as funções, a performance e, em especial, a desejabilidade dos partidos políticos na política representativa. Todavia, o interesse dos pesquisadores pelos sentimentos antipartidários ainda é incipiente na Ciência Política (Poguntke & Scarrow, 1996; Torcal, Gunther & Montero, 2001). Aqueles que se dedicam a esse estudo enfrentam vários tipos de problemas, expostos na fala de Poguntke (1996): “[...] *our topic is larded with methodological booby traps and theoretical pitfalls*”² (p. 319).

Essa afirmação se dá por dois motivos: o primeiro diz respeito ao conceito elusivo de antipartidarismo, em que uma ampla gama de fenômenos é frequentemente atribuída à desafeição com os partidos, ou, ainda, sua rejeição (Poguntke, 1996; Poguntke e Scarrow, 1996); o segundo tange um desacordo quanto às formas de mensuração do fenômeno, sua abrangência e, em especial, suas causas e consequências (Torcal, Montero e Gunther, 2001). Isso posto, nesta seção, ainda que de forma resumida, nos dedicamos a colocar em evidência a conceitualização e

² Tradução: “[...] nosso tema é permeado por armadilhas metodológicas e ciladas teóricas”.

as formas de mensuração adotadas pela literatura. Nossa intenção, ao final, é apresentar a forma de mensuração que vamos adotar para verificar a presença desse fenômeno na América Latina.

Sentimentos antipartidários são definidos como *orientações não favoráveis entre as elites políticas ou intelectuais e o público em geral para com os partidos políticos* (Poguntke, 1996) — sendo o “não-favoráveis” substituído facilmente, em alguns outros trabalhos, por “ceticismo”, “desilusão”, “hostilidade”, “rejeição” e “desafeição” (Poguntke e Scarrow, 1996; Yebra, 1998; Gidengil *et al.*, 2001; Cross, 2002; Linek, 2004; Leppink, 2008).

Seguindo teoricamente a definição proposta por Poguntke (1996) e seus colegas, haveria duas formas de se estudar esse fenômeno: (1) através do debate das elites políticas sobre o sistema político e partidário; e (2) através da opinião das massas, que é o foco desta pesquisa. Um estudo focado nos sentimentos antipartidários das massas teria como pretensão descrever as dimensões e as possíveis causas para as atitudes antipartidária e suas consequências (Scarrow, 1995).

Para além disso, os teóricos acreditam haver duas *intensidades*, ou seja, dois graus diferentes para a rejeição aos partidos políticos. No primeiro, mais moderado, os indivíduos admitem que os partidos políticos têm um importante papel nas democracias, mas sua performance é criticada. Se conectando com o “desalinhamento como fase intermediária para um realinhamento do sistema” (Bardi, 1996, p. 348), esse tipo de rejeição é “*against existing parties*” (contra os partidos existentes). No segundo, os cidadãos apresentam uma visão mais radical (ou generalizada), em que se ataca a existência dos próprios partidos e do sistema de partidos. Diz respeito à negação do “sistema baseado no modelo de representação” (Bardi, 1996, p. 348), sendo essa forma de rejeição “*against parties per se*” (contra os partidos *per se*). Corroborando com essa ideia, Leppink (2009) afirma que,

[...] while specific anti-party sentiments are still reasonably moderate in that they do not deny the role of political parties in contemporary democratic governance; generalized anti-party sentiments are far more radical, since they might stem from the view that political parties are either bad or irrelevant. More precisely then, specific anti-party sentiments refer to disenchantment with the traditional major-party alternatives, those parties that traditionally control government, while generalized anti-partyism is more radical and shifts the object of dissatisfaction to party politics and political parties as elements of the representative democratic system *per se* (p. 324)³.

³ Tradução: “[...] enquanto sentimentos antipartidários específicos são razoavelmente moderados, no sentido que eles não negam o papel dos partidos políticos na governança democrática contemporânea; sentimentos antipartidários generalizados são muito mais radicais, uma vez que eles podem derivar da visão de que os partidos políticos são maus ou irrelevantes. Mais precisamente, sentimentos antipartidários específicos se referem ao desencantamento com as alternativas partidárias tradicionais, ou seja, aqueles partidos que tradicionalmente controlam o governo; enquanto sentimentos antipartidários

Os trabalhos recentes na área do comportamento político vêm dando destaque ao sentimento de rejeição específica aos partidos políticos, dentre eles, podemos citar: Sabrina Mayer (2014; 2017), Michel McGregor, Nicholas Caruana e Laura Stephenson (2015), Mike Medeiros e Alan Noël (2014), Richard Rose e William Mishler (1998), etc.; dentre os nacionais, destacamos o de Ednaldo Ribeiro, Yan Carreirão e Julian Borba (2016); David Samuels e César Zucco (2018), Denise Paiva, Silvana Krause e Adriana Lameirão (2016), entre outros.

Nosso trabalho, entretanto, tem como foco a rejeição das massas aos partidos políticos *per se*, ou seja, nosso grupo de análise está naqueles indivíduos que acreditam que a democracia não precisa de partidos políticos. E, apesar de seus teóricos afirmarem sua existência intuitivamente e empiricamente (Webb, 1996), tal conceito ainda possui deficiências relacionadas à mensuração.

A operacionalização de uma variável capaz de medir explicitamente a rejeição aos partidos políticos e suas dimensões consiste em um desafio ainda não vencido para os estudos desta temática, isso porque, apesar da definição do conceito de antipartidarismo ser aparentemente simples — desafeição com ou a rejeição aos partidos políticos (Poguntke, 1996) —, há uma variação muito grande em como e em quais indicadores se usam para medir esse fenômeno.

Estudos seminais (Poguntke, 1996; Bardi, 1996; Webb, 1996), por exemplo, utilizaram para medir a existência do antipartidarismo nas massas cinco indicadores: (I) Declínio da identificação partidária; (II) Voto indeciso; (III) Declínio do comparecimento eleitoral; (IV) Voto em partidos antipartidários; e (V) Declínio do engajamento partidário⁴. Todavia, os próprios autores tinham ciência que nenhum desses comportamentos poderiam ser tomados como expressões diretas do sentimento antipartidário; na verdade, o maior problema dessas medidas, segundo seus críticos (Webb, 1996; Yebra, 1998; Leppink, 2008) é que esses indicadores poderiam ser possíveis consequências dos sentimentos antipartidários.

Assim, por causa da imprecisão do conceito e da operacionalização deste fenômeno, segundo Torcal, Montero e Gunther (2002), não se chegou a concluir se de fato há uma crise de partidos políticos e, muito menos, dizer que se pode entender suas causas e consequências para as democracias. Tendo isso em mente, o desafio que se apresenta é encontrar a melhor maneira de representar o conceito de sentimentos antipartidários.

É entendido que a variável ideal para mensurar os sentimentos antipartidários deve ser consistente ao medir a orientação das massas sobre partidos políticos, estabelecendo um *link* confiável sobre performance partidária (Poguntke, 1996); em outras palavras, a variável deve

generalizados são mais radicais, transferindo as insatisfações para as políticas partidárias e os partidos políticos como elementos do sistema democrático representativo *per se*”.

⁴ Por falta de dados, o Bardi (1996) utilizou apenas dois dos indicadores mencionados: declínio do comparecimento eleitoral e voto em partidos antipartidários.

medir a desaprovação às instituições partidárias como veículos de representação política e de agregação dos interesses dos indivíduos (Torcal, Monteiro e Gunther, 2002). Em vista disso, trabalhos posteriores (Yebara, 1998; Torcal, Monteiro e Gunther, 2002; Gidengil *et al*, 2001; Bélager, 2003; Linek, 2004; Lippink, 2008; Kestilä-Kekkonen, 2009) passaram a utilizar medidas que dizem respeito à opinião dos eleitores quanto a alguns aspectos relacionados aos partidos⁵.

A ideia que apresentamos segue nessa direção. Nos interessa desenvolver indicadores que sejam consistentes em medir os sentimentos de rejeição por partidos políticos através da visão dos eleitores sobre a desaprovação destes quanto a importância dos partidos para a democracia. Infelizmente, os *surveys* de opinião pública não contam com perguntas específicas, que meçam a rejeição de fato aos partidos e ao sistema de partidos⁶. Assim, demos preferência a uma base de dados que permitisse uma ampla gama de escolha de países, e que contasse com variáveis que nos autorizassem a testar as atitudes dos eleitores antipartidários: o *Latin American Public Opinion Project* (LAPOP).

Baseado no conjunto de variáveis disponíveis sobre a relação entre partidos políticos e eleitores, nossa ideia consiste em agregar duas variáveis, compondo um *índice de sentimentos por partidos políticos (ISPP)*, são elas: se os eleitores têm ou não simpatia por algum partido político⁷; e se eles concordam ou discordam da afirmação sobre a possibilidade de a democracia funcionar sem partidos políticos⁸.

A variável identificação partidária é uma medida que visa, em especial, a avaliação positiva do eleitorado acerca dos partidos. Segundo Gimenes (2015), pode ser entendida como “produto histórico dos processos eleitorais dos quais os indivíduos participaram, que contribui para a interpretação da capacidade de enraizamento dos partidos políticos junto ao eleitorado, de modo que constitui um indicador do desenvolvimento, da institucionalização e da estabilidade do sistema partidário” (p. 06). Dessa forma, utilizaremos a variável de “simpatia por partidos políticos” como uma *proxy* de identificação partidária, seguindo alguns trabalhos da área (Borba, Gimenes e Ribeiro, 2015; Gimenes *et al.*, 2015, Braga e Pimentel Jr, 2011).

A segunda variável é a concordância ou discordância, segundo os eleitores, se haveria a possibilidade de a democracia funcionar sem partidos políticos. Os eleitores que concordaram com a afirmação são nossa categoria de análise. A escolha deu-se tendo em vista a importância e essencialidade dessas instituições para a vida democrática (Anckar e Anckar, 2000). Assim, se os

⁵ Um resumo das questões utilizadas pode ser encontrado em Dias (2018)

⁶ Com exceção do *Comparative Studies of Electoral Systems* (CSES), que contaria com duas perguntas que poderiam medir essa rejeição. Contudo, esta pesquisa não apresenta variáveis importantes para o propósito desta análise, e os países latino-americanos cobertos se restringem a quatro.

⁷ VB10. Atualmente o(a) sr./sra. simpatiza com algum partido político? (1) Sim e (2) Não. A variável foi recodificada para (0) Sim e (1) Não. Mais informações, no Apêndice Metodológico.

⁸ Levando em conta a situação atual do país, (...), por favor, me diga até que ponto concorda ou discorda das seguintes afirmações: DEM23. Pode haver democracia sem que existam partidos políticos. Até que ponto concorda ou discorda desta frase? (1) (Discorda Muito), 2, 3, 4, 5, 6, 7 (Concorda Muito). Mais informações, no Apêndice Metodológico.

“partidos são as principais instituições da política democrática” (Lipset, 1996) e a “democracia é impensável, salvo em termos de partidos políticos” (Schattschneider, 1942 *apud* Roseblum, 2010), e ainda, quando pensamos em um *déficit* democrático, tipicamente se cita a ausência desses (Roseblum, 2010), podemos especular que ao dizer que “a democracia pode funcionar sem partidos”, os eleitores estão rejeitando essa essencialidade.

A variável de identificação partidária nos serviu como um filtro, onde dividimos aqueles que têm simpatia (sendo recodificados como 0) e aqueles que não têm simpatia (recodificados como 1). Nos interessa, particularmente, aqueles eleitores que *não* tem identificação partidária. A variável “democracia sem partidos políticos”, por sua vez, funciona como uma escala de intensidade, em que as atitudes vão da mais positiva a essas instituições (ou seja, discorda da afirmação que a democracia não precisa de partidos), até a mais negativa (na qual se concorda que a democracia poderia funcionar sem essas instituições). A construção da variável pode ser descrita através da seguinte operação:

$$ISPP = (\textit{identificação partidária}) * (\textit{Democracia sem partidos})$$

Com isso obtemos uma escala que varia do 0 até o 7, onde o “0” significa todos os eleitores que são identificados com os partidos políticos; do 1 até o 3, os eleitores que não têm simpatia, mas acreditam que a democracia precisa dessas instituições para funcionar (denominamos de não-partidários); o ponto 4 da escala representa os eleitores sem uma posição clara, ou seja, aqueles que não têm simpatia partidária e não têm uma posição definida quanto a necessidade da democracia precisar ou não de partidos políticos; e por fim, do 5 até o 7, que representa aqueles eleitores que não têm simpatia partidária e acreditam que a democracia pode funcionar sem partidos políticos, que denominamos de antipartidários⁹.

Assim, em um primeiro momento, e a partir desses perfis, nossa intenção é explorar de que forma os eleitores latino-americanos se relacionam com seus partidos políticos. Entretanto, para as análises multiníveis, recodificamos esse índice entre aqueles que manifestam sentimentos antipartidários (1) e aqueles que manifestam atitudes positivas aos partidos políticos (0)¹⁰. Dessa forma, na próxima seção vamos abordar as questões concernentes à metodologia e às variáveis independentes a serem testadas como preditoras dos sentimentos antipartidários.

3. Metodologia e hipóteses

A variável central da investigação é obtida através do *índice de sentimentos por partidos políticos*. Buscaremos, ao final deste trabalho, identificar quais são os preditores desse fenômeno, segundo faixa de idade, escolaridade, extremismo ideológico, interesse por política, eficácia

⁹ Para a recodificação, consultar Apêndice metodológico.

¹⁰ Para a recodificação, consultar Apêndice metodológico.

política subjetiva, e percepção da corrupção; e ainda, de que maneira fatores contextuais como a natureza socioeconômica (Produto Interno Bruto - PIB), institucional (Número Efetivo de Partidos - NEP) e o legado democrático dos países também afetam na formação desses sentimentos. Por isso, escolheu-se como método de análise um modelo multinível generalizado com distribuição binomial, que possibilita incorporar tanto variáveis de atributos sociais e atitudinais (nível 1) quanto características estruturais de cada país (nível 2).

Em sua maioria, os estudos sobre sentimentos antipartidários tiveram como foco verificar suas consequências em democracias consolidadas. Por isso, nesta pesquisa, ainda que de forma exploratória, esse é um dos nossos principais objetivos, sendo que cada uma das variáveis foi inserida para viabilizar o teste de algumas hipóteses ou expectativas iniciais derivadas da literatura sobre identificação partidária positiva/negativa e do antipartidarismo.

Em geral, variáveis de *background* social possuem uma relação modesta com a formação de sentimentos antipartidários (Leppink, 2008), entretanto, duas variáveis se destacam: o grau de *escolaridade* e a *idade dos eleitores*. Gidengil *et al.* (2001) encontrou para o Canadá, por exemplo, que os sentimentos antipartidários são menos prevalentes entre os mais bem-educados e os mais idosos; assim como o trabalho de Torcal, Montero e Gunther (2002), que também identificaram uma intensa relação entre níveis baixos de escolaridade e atitudes antipartidárias. Yebra (1998) em seu trabalho sobre o Cone Sul (Uruguai, Argentina e Chile), parte do pressuposto de que aqueles mais escolarizados seriam justamente os que teriam atitudes mais hostis aos partidos políticos. Todavia, o resultado encontrado indica o oposto, de que uma maior educação está ligada a sentimentos favoráveis aos partidos políticos.

A escolaridade é uma das variáveis mais importantes nas pesquisas de comportamento político, com ênfase no estudo da formação de identidades partidárias. Os trabalhos justificam sua inclusão baseado no modelo do voluntarismo cívico de Verba, Schlozman e Brady (1995), onde é fortemente associada ao desenvolvimento de habilidades cívicas e, portanto, é compreendida como mais um recurso que poderia favorecer ou dificultar o desenvolvimento destas habilidades. Assim, compreende-se que eleitores com maiores níveis de escolaridade teriam mais chance de formarem laços partidários, sendo essa relação confirmada no trabalho de Lupu (2015). Por outro lado, Gimenes (2015) encontrou que, atualmente, os cidadãos latino-americanos que possuem alta escolarização têm menos chance de simpatizarem com partidos políticos. Dessa forma, mantendo a expectativa inicial dessas pesquisas, temos como hipótese para o conjunto de países latino-americanos que a manifestação de atitudes antipartidárias estaria associada a níveis educacionais mais baixos.

A idade dos eleitores, por sua vez, aparece como um importante preditor do antipartidarismo (Kestilä-Kekkonen, 2009), uma vez que compõe o entendimento sobre a experiência do eleitorado (Gimenes *et al.*, 2015, Gimenes, 2015). A ideia é que os laços partidários entre os eleitores se solidificam conforme os cidadãos votam repetidamente por um partido

político ou ganham experiência e exposição política, ou conforme se informam e fortalecem suas avaliações sobre os partidos políticos.

Na literatura mais específica sobre comportamento político, há autores (Wattenberg, 2003) que afirmam afastamento dos jovens com relação à política e aos assuntos públicos, já que o sentimento por alguma legenda ainda não se encontra plenamente enraizada. Com isso, alguns trabalhos têm como hipótese que conforme os eleitores se tornam mais velhos, a chance de serem simpáticos aumenta (Lupu, 2015), e que a possibilidade de mudança é menor e, quando ocorre, se dá em virtude de novas socializações (Gimenes, 2015). Essa relação pode ser encontrada, por exemplo, no trabalho de Lupu (2015) e Gimenes *et al.* (2015), onde os vínculos partidários de fato se fortalecem à medida que os eleitores ganham experiência, ou seja, indivíduos mais velhos têm mais chances de serem partidários.

Para Torcal, Montero e Gunther (2002) um modo de explorar as origens e a natureza das dimensões de antipartidarismo (tanto a cultural quanto a reativa) é justamente estudar as diferentes gerações políticas, uma vez que permite a separação dos efeitos de socializações distintas. E em sua pesquisa, ao buscar os efeitos de coorte, os autores encontraram que os entrevistados mais velhos, na Espanha, expressam os maiores níveis de sentimentos antipartidários do tipo cultural, subvertendo as expectativas do estudo.

Contudo, seguindo a orientação da literatura sobre a América Latina, vamos utilizar a variável em *faixas de idade*¹¹, e partimos do pressuposto de que o partidarismo tende a se enraizar ao longo da vida, de modo que a expectativa é de que eleitores com mais idade estejam mais próximos dos partidos do que aqueles mais jovens; assim, os eleitores mais novos teriam mais probabilidade de serem antipartidários.

A terceira variável incluída em nosso modelo parte de pesquisas sobre identificação partidária negativa (IPN), e se baseiam na ideia de que variáveis que indicam algum grau de polarização, em especial de ideias (Samuels e Zucco, 2018), são extremamente importantes para a explicação de sentimentos negativos (Medeiros e Noël, 2013); como a variável *ideologia*, por exemplo. Aqui, os eleitores que possuem uma identificação partidária negativa tendem a mobilizar essa variável de forma a hostilizar um partido de ideologia diferente da sua (McGregor, Caruana e Stephenson, 2015). A literatura entende que os posicionamentos ideológicos dos eleitores têm influência sobre seus vínculos com os partidos políticos (Lupu, 2015) ou com a ausência deles (McGregor, Caruana e Stephenson, 2015).

Lupu (2015), Gimenes *et al.* (2015) e Gimenes (2015), a partir da variável *extremismo ideológico* (considerando apenas os extremos da pergunta sobre auto-localização ideológica), por sua vez, têm como expectativa que aqueles que estão nos extremos do espectro ideológico

¹¹ Para as recodificações, ver apêndice metodológico.

tendem a possuir afinidades mais fortes aos seus partidos políticos, em comparação com os eleitores que se encontram no centro dessa escala, por exemplo.

Sobre isso, Lupu (2015), encontrou que quanto mais extremo for o posicionamento ideológico do eleitor, maior a expectativa de partidarismo, sendo ainda que eleitores à esquerda são mais propensos à manifestação de laços partidários; Gimenes *et al.* (2015) e Gimenes (2015) encontraram que essa é uma das mais importantes variáveis de seus modelos, e confirmam a hipótese levantada pela literatura, de que o “posicionamento no espectro esquerda-direita continua forte preditor do partidarismo e (...) de que quanto mais radical a localização ideológica do indivíduo, maior a sua tendência de estabelecer ligação afetiva ou cognitiva com alguma legenda” (Gimenes, 2015, p.104).

A literatura mais específica sobre sentimentos antipartidários, entretanto, não chegou a incluir essa variável em seus modelos analíticos, e já que ela aparece como um forte preditor do partidarismo e da identificação partidária negativa, resolvemos incluí-la em nossa equação. Desta forma, acreditamos que posicionamentos radicais nessa escala também influenciariam os eleitores a desenvolverem sentimentos antipartidários, no sentido de auxiliar na escolha de qual partido rejeitar. Seguindo os trabalhos recentes (Lupu, 2015; Gimenes *et al.*, 2015; Gimenes, 2015), vamos utilizar a variável de extremismo ideológico¹².

As próximas variáveis são utilizadas por alguns trabalhos como indicadores de desafeição política (Torcal, Monteiro e Gunther, 2002; Torcal, 2006), e dizem respeito à competência política dos eleitores (Listhaug e Wiberg, 1995 *apud* Kestilä-Kekkonen, 2009; Torcal, Monteiro e Gunther, 2002). São elas as variáveis de interesse por política e eficácia política subjetiva.

A primeira delas refere-se à declaração do eleitor sobre seu nível de *interesse por política*. Os trabalhos que incluem essa variável em seus modelos justificam sua utilização a partir do pressuposto apresentado por Dahl (1997) sobre sua relação com a sofisticação política, e também por ser um dos indicadores de mobilização cognitiva apresentados por Dalton (2013) (Gimenes, 2015). Pesquisas sobre simpatia partidária entendem que essa variável apresenta efeitos positivos também sobre a formação desse sentimento; ou seja, os eleitores mais interessados por política teriam mais chances de serem simpáticos aos partidos políticos. Gimenes (2015) corrobora com sua utilização ao encontrar na variável um forte preditor da identificação partidária. Por sua vez, os trabalhos sobre sentimentos antipartidários concordam com a ideia acima e acrescentam que os eleitores pouco ou nada interessados em política têm maior probabilidade de serem antipartidários. Torcal, Montero e Gunther (2002), ao verificarem os correlatos atitudinais dos sentimentos antipartidários no sul da Europa para seus dois tipos de antipartidários (cultural e reativo), encontraram que quanto mais interessados por política for o eleitor, menos provável será de que ele mantenha atitudes do tipo cultural. Yebra (1998), por sua vez, ao estudar os países do

¹² Para as recodificações, ver apêndice metodológico.

Cone Sul, encontrou que a síndrome antipartidária também estaria associada a países com menor interesse por política.

A segunda variável é entendida como uma medida mais direta da competência política (Listhaug e Wiberg, 1995 *apud* Kestilä-Kekkonen, 2009), representada pela variável de *eficácia política subjetiva*, e diz respeito à autopercepção do cidadão sobre ser capaz e competente para participar e influenciar decisões de natureza política (Miller e Listhaug, 1990). Os modelos consideram que a autoavaliação positiva sobre isso favorece o cálculo sobre os custos e benefícios relacionados à identificação partidária (Gimenes, 2015); ou seja, eleitores com uma alta eficácia política subjetiva teriam mais chances de serem simpáticos aos partidos políticos. Nessa ótica, os trabalhos de Gimenes *et al.* (2015) e Gimenes (2015) encontraram que essa variável é um importante preditor da simpatia partidária em 2008 e 2014 para um conjunto de países da América Latina. De forma a corroborar com esse resultado, Torcal, Montero e Gunther (2002), ao analisarem quatro nações europeias, identificaram que os eleitores que manifestam o antipartidarismo cultural estão associados a baixos níveis de eficácia política subjetiva.

A literatura parte da ideia, portanto, de que possuir uma alta competência política deveria aumentar atitudes críticas e o ceticismo às instituições políticas, incluindo os partidos políticos. Todavia, estudos vêm indicando ao contrário, que os eleitores mais competentes politicamente são os mais vinculados às instituições democráticas (Kestilä-Kekkonen, 2009), e assim, mais dispostos a criarem laços partidários. Acreditamos que os eleitores com baixa competência política (baixo interesse por política e baixa eficácia política subjetiva) teriam mais disposição de manifestar sentimentos antipartidários.

Mais especificamente, com base na questão sobre interesse por política¹³, buscaremos confirmar, para a América Latina, se aqueles eleitores que rejeitam os partidos políticos seriam os menos interessados; e seguindo os trabalhos da área (Borba, Gimenes e Ribeiro, 2015; Gimenes, 2015), vamos utilizar a questão “o(a) sr./sra. sente que entende bem os assuntos políticos mais importantes do país” para medir a eficácia política subjetiva¹⁴. Partimos da hipótese de que a manifestação dos eleitores que concordam com a afirmação acima está associada aos eleitores mais simpáticos aos partidos, como demonstrado pela literatura; já os que discordam da afirmação são aqueles eleitores antipartidários.

A última variável inserida em nosso modelo diz respeito à percepção dos eleitores sobre o grau de corrupção no país. A ideia por traz de sua inclusão nas pesquisas sobre identificação partidária é a expectativa de que, “se os partidos são vistos como corruptos, é menos provável que os eleitores manifestem simpatia por algum deles” (Gimenes *et al.*, 2015, p.12); ou seja, espera-se que experiências dessa natureza contribuam para o afastamento dos eleitores das

¹³ Para as recodificações, ver apêndice metodológico.

¹⁴ Para as recodificações, ver apêndice metodológico.

instituições públicas. Todavia, os achados dos trabalhos indicam o oposto, e que, nas palavras de Gimenes *et al.* (2015):

[...] a experiência com atos corruptos tem um efeito positivo sobre diferentes variáveis de ativismo político. Apesar de esses autores¹⁵ reconhecerem que as explicações para essa relação ainda permanecem desconhecidas, identificam que a combinação do ativismo político com a experiência com atos corruptos está ligada a um perfil de maior permissividade com tais atos, ou ao menos resignação (p. 20).

Infelizmente, a questão utilizada pela literatura para medir a percepção da corrupção não estava disponível nesta onda do LAPOP, por isso, vamos usar a seguinte questão: “Considerando sua experiência ou o que ouviu falar dos funcionários públicos, a corrupção dos funcionários públicos é...?”¹⁶ como *proxy*. Baseado nesses autores, temos como expectativa de que a percepção da corrupção também esteja relacionada ao desenvolvimento do antipartidarismo.

Dando prosseguimento à análise, nossa atenção agora se volta para os fatores contextuais que poderiam impactar os determinantes dos sentimentos por partidos políticos. Buscaremos explorar de que forma variáveis de natureza econômica (Produto Interno Bruto), variáveis institucionais (número efetivo de partidos políticos), e o legado democrático, afetariam as chances de os eleitores manifestarem as variadas relações com os partidos políticos.

Partimos da ideia apresentada nos estudos de Salinas e Booth (2011) sobre os fatores individuais (micro-sociais) e contextuais que determinam atitudes democráticas na América Latina. Segundo esses autores, tanto os fatores individuais e contextuais podem funcionar como preditores das atitudes políticas; de forma que, como identificado por Gimenes (2015; 2017), “as instituições não operam num vácuo social, da mesma maneira como as crenças e valores dos indivíduos não se conformam numa esfera à parte das instituições” (p. 86) e, portanto, as instituições e a cultura política, em alguma medida, sofrem uma influência mútua.

Nossas hipóteses sobre a influência dos fatores contextuais advêm dos trabalhos sobre simpatia partidária na América Latina, isso porque as pesquisas sobre os preditores dos sentimentos antipartidários quase não apresentaram indícios sobre variáveis importantes a serem consideradas. Assim, iniciamos apresentando os principais determinantes da simpatia partidária, nos orientando pelos trabalhos de Gimenes *et al.* (2015), Gimenes (2015; 2017) e Lupu (2015).

A primeira variável incluída nesses modelos diz respeito à análise do peso de variáveis de natureza econômica sobre os comportamentos e sentimentos, sendo esse indicador representado pelo Produto Interno Bruto (PIB). O uso dessa variável se relaciona com a ideia de

¹⁵ “Esses autores” refere-se aos seguintes trabalhos: Bonifácio Silva (2014) e Bonifácio Silva e Ribeiro (2014).

¹⁶ Para as recodificações, ver apêndice metodológico

Przeworski *et al.* (1997) de que o nível de *desenvolvimento econômico* tem um forte efeito sobre a estabilidade e sobrevivência da democracia. Com isso, as pesquisas anteriormente citadas, supõem que em países com elevado PIB, os atores políticos são mais propensos a adotar um arcabouço institucional; ou seja, o desenvolvimento econômico influenciaria os cidadãos a possuir um relacionamento mais positivo com as instituições democráticas.

Essa literatura parte do pressuposto que os recursos materiais e cognitivos estariam associados a um envolvimento político no nível individual (Gimenes, 2015; 2017), e por isso, supõe-se que a melhoria nas condições econômicas dos países afetaria positivamente a identificação partidária. Todavia, esses trabalhos entendem haver uma hipótese rival: condições econômicas poderiam exercer um efeito contrário sobre a formação dos laços partidários. Essa hipótese está relacionada à teoria do cidadão crítico (Norris, 2009), e afirma que melhorias nas condições materiais auxiliariam no desenvolvimento da cidadania crítica, levando a um afastamento das instituições tradicionais de representação.

Os resultados encontrados pela literatura, entretanto, não nos oferecem indicativos da melhor hipótese, já que em nenhum dos trabalhos (Gimenes *et al.*, 2015; Gimenes, 2015; 2017) esse indicador apareceu como um preditor significativo da simpatia partidária. Desta forma, iremos escolher a primeira — partiremos da ideia de que eleitores em países com PIB mais alto teriam maior predisposição a manifestarem sentimentos positivos aos partidos políticos (simpatia partidária); e por outro lado, em países com PIB mais baixo, seus eleitores teriam mais chances de manifestarem sentimentos negativos (até o antipartidário).

A próxima variável incluída em nosso modelo diz respeito à *fragmentação partidária*, definida por Powell (1982 *apud* Wang, 2012) como o grau em que o apoio eleitoral ou a representação legislativa (cadeiras parlamentares) é dividida entre vários partidos políticos, sendo a variável “número efetivo de partidos políticos” seu indicador. A hipótese levantada por Wang (2014) parte do pressuposto de que se espera que países com mais partidos políticos sejam mais democráticos, já que estes representariam uma maior gama de visões políticas; em outras palavras, sistemas multipartidários são capazes de melhorar a qualidade da democracia à medida que aumentam as opções de partidos e candidatos aos eleitores.

Todavia, quanto mais partidos existem (ou seja, quanto maior for o número de opções partidária) maior será a exigência sobre o eleitor para possuir uma certa sofisticação, necessária para compreender as diferentes opções e fazer suas escolhas. Para ilustrar isso, Lupu (2015) encontrou uma relação negativa entre fragmentação e o partidarismo, ou seja, em lugares onde o sistema de partidos é fragmentado, os eleitores teriam menos probabilidade de formarem laços, o que também foi encontrado pelo trabalho de Gimenes (2015) para o ano de 2008 na região.

Assim, nos embasando nessas perspectivas, nossa expectativa inicial é de que quanto maior a fragmentação nos países analisados da América Latina, maior seria a probabilidade de os eleitores manifestarem sentimentos mais negativos (antipartidários) pelos partidos políticos; e,

em contrapartida, um NEP reduzido estaria associado a uma maior chance de os eleitores formarem simpatia aos partidos políticos.

Por fim, Gimenes (2015; 2017) e Lupu (2015) apostam na capacidade explicativa da variável idade da democracia para prever atitudes favoráveis aos partidos políticos, resultado que retornou favorável. Tal variável estrutural se apresentou como tendo impacto significativo sobre o enraizamento dos partidos políticos junto ao eleitorado. E ainda, trabalhos como o de Gimenes *et al.* (2015), utilizam o *Polity IV* para medir o fortalecimento das bases de legitimidade do regime; isto é, qualidade desse regime. Eles partem do pressuposto que regimes com maior qualidade (maior *Polity IV*) tenderiam a apresentar cidadãos mais satisfeitos com as instituições e organizações políticas — e provavelmente mais simpáticos a elas —; todavia, não foi encontrada significância estatística entre essa variável e a manifestação de simpatia em 2014.

Avançando nessa discussão, Casalecchi e Gimenes (2017) incorporam em sua análise a variável *legado democrático*, que considera tanto a experiência acumulada com relação ao regime, quanto a qualidade do seu funcionamento. Os autores acreditam que o legado democrático dos países latino-americanos também seja um fator importante para explicar a identificação com os partidos políticos; a pesquisa tem como hipótese que, quanto maior o legado democrático de um país, maiores as chances de que os seus cidadãos desenvolvam atitudes de identificação partidária. Os resultados encontrados demonstram que essa variável possui um efeito significativo e bastante relevante sobre o partidarismo na América Latina, e que o aumento de uma unidade do indicador de legado democrático aumenta em 4% as chances de partidarismo, e em países com a pontuação máxima do legado democrático aumentam essa chance em mais de 156%.

Assim, nos baseando na hipótese mencionada acima, acreditamos que essa variável também será relevante para a explicação dos determinantes dos sentimentos antipartidários, de forma que, quanto menor for o legado democrático do país, maior será a chance de os eleitores manifestarem esses sentimentos. E seguindo a sugestão de Casalecchi (2016) e Casalecchi e Gimenes (2017) de que nem todos os anos têm o mesmo peso sobre os acontecimentos do presente, vamos utilizar a medida de legado democrático ponderada, de forma que, quanto mais antiga for a experiência, menor será o valor da qualidade da democracia para aquele ano.

4. Resultados

Utilizando a variável *índice de sentimentos por partidos políticos*, a Tabela 01 apresenta a média desses sentimentos na América Latina no período de 2006 a 2012. Temos como intenção comprovar qual é a manifestação de sentimento mais preponderante, tanto na América Latina como uma unidade analítica, quanto por país. E, percebe-se de início que o partidarismo (a identificação com os partidos políticos) ainda é o sentimento mais preponderante entre as unidades nacionais e na América Latina de forma agregada.

Do grupo dos países mais “identificados” aos partidos, podemos citar, Panamá (30,75%), Colômbia (34,3%), Brasil (34,58%), El Salvador (37,55%), México (39,43%), Honduras (49,48%) e Nicarágua (49,93%); as médias de Paraguai, República Dominicana e Uruguai, por sua vez, ultrapassam os 50%, com o segundo país atingindo uma média de 64,83%. Para outros cinco países, esse sentimento aparece como o segundo mais importante (Argentina, Bolívia, Costa Rica, Haiti e Venezuela).

Para oito países, o sentimento de não partidarismo (o sentimento de que a democracia precisa de partidos políticos para funcionar, sem, contudo, possuir identificação por algum partido) é o mais hegemônico. Os casos podem ser ilustrados pela Argentina (45,23%), Bolívia (31,61%), Costa Rica (39,49%), Equador (36,69%), Guatemala (35,11%), Guiana (34,04%), Peru (38,86%) e Venezuela (39,85%). Também se manifestou como o segundo sentimento mais importante em outros oito outros países (Brasil, Chile, El Salvador, Honduras, Nicarágua, Paraguai, República Dominicana e Uruguai).

Entretanto, o antipartidarismo, que é o foco desse trabalho, aparece em apenas dois países da América Latina como sentimento mais considerável: Chile (35,82%) e Haiti (43,45%); e como o segundo sentimento mais proeminente, em outros sete: Colômbia, Equador, Guatemala, Guiana, México, Panamá e Peru. Também se observa que Uruguai, Honduras, República Dominicana, Costa Rica, Venezuela e Nicarágua são os países com os menores índices desse sentimento mais negativo.

Tabela 01. Média dos sentimentos por partidos políticos (SPP) na América Latina (2006-2012) (%)

| País | Partidário | Não-partidário | Antipartidarismo |
|--------------------|-------------------|-----------------------|-------------------------|
| Argentina | 25,63 | 45,23 | 23,91 |
| Bolívia | 29,17 | 31,61 | 26,6 |
| Brasil | 34,58 | 31,36 | 26,03 |
| Chile | 21,23 | 30,83 | 35,82 |
| Colômbia | 34,3 | 28,75 | 29,83 |
| Costa Rica | 38,7 | 39,49 | 16,86 |
| El Salvador | 37,55 | 28,72 | 27,58 |
| Equador | 21,47 | 36,69 | 31,25 |
| Guatemala | 18,1 | 35,11 | 34,71 |
| Guiana | 27,93 | 34,04 | 32,25 |
| Haiti | 34,33 | 15,84 | 43,45 |
| Honduras | 49,48 | 28,49 | 14,05 |
| México | 39,43 | 25,99 | 27,79 |
| Nicarágua | 49,93 | 26,99 | 18,33 |

| | | | |
|-----------------------------|-------|-------|-------|
| Panamá | 30,75 | 27,60 | 28,69 |
| Paraguai | 50,63 | 27,53 | 23,68 |
| Peru | 24,83 | 38,86 | 25,17 |
| Republica Dominicana | 64,83 | 18,67 | 15,88 |
| Uruguai | 58,8 | 24,95 | 13,85 |
| Venezuela | 38,98 | 39,85 | 16,68 |
| América Latina | 36,2 | 33,0 | 29,2 |

Fonte: LAPOP (2006 - 2012)

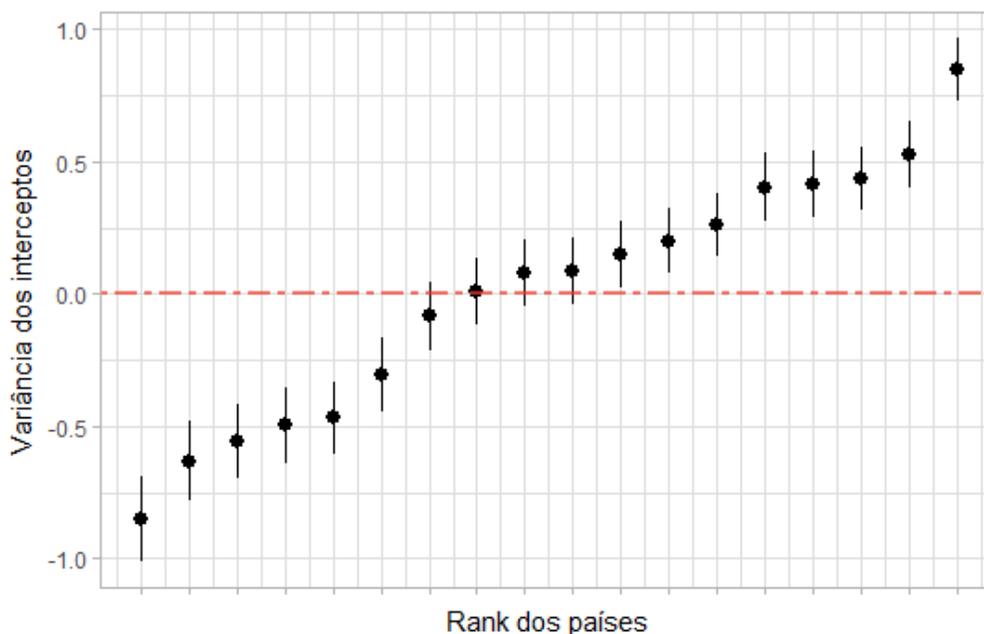
De forma geral, podemos observar que, entre as vinte unidades nacionais, os partidos políticos continuam se apresentando como relevantes, já que prevalecem como sentimentos mais importantes o partidarismo (36,2%) e o não-partidarismo (33%), que, apesar desses indivíduos não se identificarem com nenhuma legenda, os partidos ainda são vistos como necessários para a democracia funcionar. O antipartidarismo fica em terceiro lugar, atingindo apenas 29,2% do eleitorado que respondeu ambas as perguntas.

Assim, partimos para a busca dos determinantes individuais e contextuais dos sentimentos antipartidários tomando o ano de 2012 como referência. Como nossa intenção é avaliar os efeitos de variáveis nacionais e individuais sobre a manifestação do antipartidarismo, optamos por um modelo estatístico que comporta apenas dois valores (0 = não e 1 = sim)¹⁷. A análise multinível consiste em examinar relações entre variáveis medidas em diferentes níveis de dados (Rocha, 2014), no nosso caso, entre eleitores (nível 1 ou nível micro) e países (nível 2 ou nível macro); e o primeiro passo de uma modelagem hierárquica consiste na condução de um modelo nulo, sem as variáveis individuais e nacionais, para verificar a existência de variação entre os grupos (países). O resultado que encontramos (de 6%) retornou abaixo da expectativa inicial, já que tínhamos como hipótese que os fatores contextuais e estruturais explicassem boa parte da variação da nossa dependente¹⁸. A seguir, demonstramos a representação gráfica da variação dos interceptos por país (FIGURA 01), em que se fica visível a existência de uma variação entre os países e a manifestação dos sentimentos antipartidários:

¹⁷ O modelo foi gerado através pacote *lme4*, utilizando o *software R*. Mais informações: Bates et al. (2015). Fitting Linear Mixed-Effects Models Using *lme4*. *Journal of Statistical Software*, 67(1), 1-48. doi:10.18637/jss.v067.i01.

¹⁸ O modelo nulo pode ser encontrado no anexo.

Figura 01. Efeito do país sobre sentimentos antipartidários



Fonte: LAPOP 2012

Nota: Da esquerda para direita - Venezuela, Uruguai, Rep. Dominicana, Costa Rica, Nicarágua, Honduras, Paraguai, Argentina, Peru, Brasil, México, Colômbia, El Salvador, Panamá, Bolívia, Equador, Guatemala e Chile.

Por isso, empreendemos a análise para verificar qual é a capacidade explicativa do PIB *per capita*, da fragmentação partidária (medida através do número efetivo de partidos políticos) e Legado democrático na explicação do desenvolvimento do antipartidarismo nos países. Nossa análise se deu em duas etapas: inicialmente, modelamos uma equação contendo apenas as variáveis de nível individual, relativas a atributos socioeconômicos e também atitudes políticas (os resultados desse modelo são dispostos na segunda coluna da TABELA 02), e posteriormente adicionamos as variáveis estruturais (resultados na terceira coluna da TABELA 02)¹⁹.

Como há pouca alteração dos modelos contendo apenas as variáveis individuais (segunda coluna da TABELA 02), nos concentraremos na exposição dos resultados dos modelos multiníveis. Das variáveis socioeconômicas, apenas a idade medida em faixas se mostrou significativa para a explicação dos sentimentos antipartidários, de forma que a mudança de uma faixa de idade para

¹⁹ Por falta de dados, Guiana e Haiti foram retirados das análises multiníveis.

a outra, diminui em 16,15% as chances de os eleitores serem antipartidários, ou seja, os mais jovens estão mais associados com esse fenômeno do que pessoas mais velhas.

Tabela 02. Determinantes do Antipartidarismo na América Latina em 2012

| | Modelo 1 (Micro) | Modelo 2 (Micro-Macro) |
|--|-----------------------------|-----------------------------------|
| Faixa de idade | 0.835*** (0.019) | 0.839*** (0.018) |
| Escolaridade | 0.990 (0.019) | 0.977 (0.018) |
| Ext. Ideológico | 0.784*** (0.042) | 0.753*** (0.041) |
| Int. Político | 0.652*** (0.021) | 0.661*** (0.020) |
| Eficácia Política Subjetiva | 1.405*** (0.039) | 1.433*** (0.038) |
| Percepção Corrupção = Comum | 1.100** (0.047) | 1.115** (0.047) |
| PIB per capita | | 1.023 (0.038) |
| NEP | | 1.112*** (0.047) |
| Legado Democrático | | 0.987* (0.007) |
| Constante | 1.159 (0.136) | 1.139 (0.343) |
| Akaike Inf. Crit. | 17,526.310 | 19,252.620 |
| Observações nível 1 | 17,927 | 17,927 |
| Observações nível 2 | | 18 |

Nota: *p<0.1; **p<0.05; ***p<0.01

Fonte: LAPOP 2012

O modelo construído contou com duas variáveis relativas a cognição dos eleitores e também, segundo a literatura (Torcal, 2006), a desafeição política, sendo elas, as variáveis sobre o grau de interesse por política e o quanto acredita o eleitor que entende bem dos assuntos políticos (eficácia política subjetiva). Para a primeira variável, o resultado foi o esperado, isto é, o aumento em uma unidade da variável interesse por política, reduziria as chances em 33,85% de o eleitor manifestar o antipartidarismo. Entretanto, para a nossa surpresa, a variável eficácia política subjetiva possui um impacto positivo sobre esse sentimento, de modo que aqueles eleitores que

pensam que entendem bem dos assuntos políticos (ou seja, possuem uma alta eficácia política) aumentaria em 40,3% as chances de os eleitores manifestarem sentimentos antipartidários.

Ainda no nível individual, encontramos que a variável extremismo ideológico está associada negativamente ao antipartidarismo: se auto-localizar nos extremos do espectro ideológico diminui em 24,7% as chances de os eleitores apresentarem esse sentimento. Já, perceber a corrupção como comum no funcionalismo público aumentaria essas chances em 11,5%.

Das variáveis de nível 2, observamos um efeito positivo da fragmentação partidária, representado pelo número efetivo de partidos políticos. Assim, o aumento na fragmentação do sistema partidário dos países está associado positivamente com um acréscimo de 12,16% nas chances de os eleitores serem antipartidários. Tanto o PIB *per capita* quanto o legado democrático não se mostraram significativos para a explicação dos sentimentos antipartidários.

Com isto, destacamos alguns conjuntos de resultados encontrados. A começar com aqueles encontrados para a variável *faixa de idade*, que compõe o entendimento sobre a experiência eleitoral (Gimenes *et al.*, 2015, Gimenes, 2015; 2017). Sobre isso, a participação política se desenvolveria ao longo da vida e tenderia a aumentar conforme se expande a experiência (Rico, 2010 *apud* Gimenes, 2015) — são, portanto, plausíveis os resultados encontrados: de que, quanto mais novo for o eleitor, maior será a chance de ele manifestar sentimentos negativos aos partidos.

Segundo Wattenberg (2003) parece haver um *gap* entre os mais jovens e os mais velhos quanto o interesse, consumo de notícias, conhecimento político e comparecimento eleitoral; o que é surpreendente já que esses jovens normalmente são mais escolarizados, e ainda sim, possuem uma grande apatia acerca da política (Wattenberg, 2003). A explicação a este fato, segundo esse autor, se deve a experiências de socialização, ou seja, enquanto cresciam esses eleitores não foram expostos a assuntos concernentes a política. Todavia, gostaríamos de destacar ainda que a literatura vem destacando que para democracias avançadas, que os mais jovens vêm buscando outras formas de se expressar que não são aquelas tradicionais ou hierarquizadas, como os partidos políticos, conforme aponta Dalton (2013).

Dessa forma, buscaremos, em um segundo momento, nos debruçar sobre esse achado, explorando, em especial, os efeitos das diferentes gerações políticas sobre o antipartidarismo, como destacado por Torcal, Montero e Gunther (2002). Buscaremos identificar, por exemplo, se os que rejeitam os partidos políticos seriam aqueles que buscam outras formas de participação política, ou se o perfil desses eleitores está ligado a uma maior alienação e complacência.

Em partes, isso surge de outros resultados que encontramos, em especial, de que um dos preditores do antipartidarismo no ano de 2012 seria a eficácia política. Nossa hipótese — de que o antipartidarismo estaria associado a uma baixa competência política — advém da análise apresentada por Torcal (2003) sobre a desafeição, e diz respeito a um sentimento de impotência, cinismo e falta de confiança no processo político e nas instituições democráticas (Di Palma, 1970

apud Torcal, 2003). Uma de suas dimensões está relacionado à falta de engajamento dos eleitores com os processos políticos e uma falta de confiança na política, que é denominado de desengajamento político ou falta de compromisso político. Os resultados desse e de outros trabalhos sobre a temática indicam que as democracias latino-americanas apresentam características atitudinais contrastantes com a adesão democrática, são elas: falta de interesse por política, cinismo acerca a tudo relacionado a política, e a falta de aprovação das instituições de representação política (Torcal, 2001).

Assim nossos resultados seguem parcialmente nessa direção, encontramos que, de fato, os antipartidários, pelo menos até 2012, não se interessavam por política, mas que esse fenômeno estaria associado a uma alta eficácia política subjetiva, ou seja, o eleitor acredita que entende bem dos assuntos políticos. A explicação do porquê encontramos esses resultados para a região ainda não estão claros, e, portanto, buscaremos aprofundar nossa análise em um próximo passo.

Também gostaríamos de apontar o resultado encontrado para a variável relativa a fragmentação partidária (de que a maior fragmentação do sistema de partidos geraria maiores chances dos eleitores das unidades nacionais de manifestar sentimentos negativos aos partidos), que nos aponta em algumas direções do porque essas instituições são rejeitadas, já que podemos conjecturar que um número maior de partidos exigiria dos eleitores uma sofisticação maior para entender a regra e funcionamento da democracia e suas instituições, e conforme observado, o antipartidarismo estaria associado a uma menor sofisticação política.

5. Considerações finais

Muitos estudos apontam que os partidos políticos estão em “crise” na ótica da representação política, e, portanto, torna-se necessário pesquisas que considerem os aspectos mais negativos que poderiam embasar como os eleitores compreendem os partidos políticos e seus sistemas (Medeiros & Noël, 2013; Mayer, 2014). Este artigo buscou seguir esta linha, ou seja, buscamos explorar a relação mais negativa entre eleitores e partidos políticos em vinte países latino-americanos. Os resultados deste trabalho, ainda que em caráter exploratório, nos permitiu entender um fenômeno ainda pouco estudado na ciência política e na América Latina: o desenvolvimento dos sentimentos antipartidários.

Assim, emprestando o conceito de Poguntke (1996), de que antipartidários são aqueles indivíduos que rejeitam especificamente um ou mais partidos ou rejeitam radicalmente essas instituições, nos focamos no estudo desse último tipo de eleitor, ou seja, nos interessa aqueles eleitores para os quais os partidos políticos não fazem mais sentido.

Com isso em mente, na tentativa de mensurar adequadamente esse fenômeno, construímos uma variável que combina duas variáveis, a identificação partidária; e uma variável

que questiona ao indivíduo sobre a possibilidade de a democracia funcionar sem partidos políticos. De forma que, obtivemos três categorias de atitudes: (1) uma mais positiva, em que os eleitores possuem identificação com os partidos políticos; (2) uma intermediária (nem positiva nem negativa), em que os indivíduos não possuem identificação com os partidos, mas acreditam que a democracia precisa de partidos políticos para funcionar; e por fim, (3) a atitude antipartidária que é quando o eleitor não tem identificação partidária e acredita que a democracia não precisa de partidos políticos para funcionar.

Em seguida, nos propusemos a responder duas questões: qual o tipo de relação existente entre eleitores e partidos políticos na região latino-americana? E, quais condições levariam, em última instância, os eleitores latino-americanos a rejeitarem os partidos políticos ou o sistema de partidos?

A resposta da primeira pergunta é obtida através dos resultados da Tabela 01, em que, através das somas as proporções de cada país, obtivemos a média para cada um dos sentimentos. Encontramos que a região, de forma agregada, ainda tem uma relação mais positiva com os partidos políticos, já que o segundo sentimento mais relevante nessas nações é o de não-partidarismo (apesar de os eleitores não terem laços partidários, não excluem sua importância no funcionamento da democracia). De vinte países, metade a identificação com os partidos ainda é maior que os outros sentimentos, em outros oito, o não-partidarismo aparece como sentimento preponderante. Considerando a região latino-americana como um todo, o antipartidarismo aparece como sentimento menos prevacente, o que nos mostra que, de maneira geral, a situação dos partidos políticos é a das piores. Esse sentimento é mais proeminente em dois países: Haiti e Chile.

A segunda pergunta foi respondida através do modelo hierárquico (TABELA 02), onde buscamos, os determinantes individuais e contextuais que afetariam no desenvolvimento desse sentimento. O que nosso estudo indica é que a explicação do antipartidarismo pode ser feita através da idade (medida em faixas), da centralidade do eleitor na escala ideológica, do seu baixo interesse por política, da alta eficácia política, e da sua percepção de que a corrupção é algo comum.

Considerando o contexto das democracias latino-americanas, encontramos que a variável institucional, representada neste *paper* pela fragmentação do sistema partidário (ou melhor, pelo número efeito de partidos políticos), é a mais importante entre as diversas configurações internas, para a explicação desse fenômeno. Assim, conjecturamos que um número maior de partidos exigiria dos eleitores uma sofisticação maior para entender a regra e funcionamento da democracia e suas instituições.

Nossa agenda de pesquisa futura envolve explorar a fundo as explicações encontradas nesta pesquisa. Também planejamos inserir outras variáveis de sistemas partidários, para além da fragmentação, pois acreditamos que essas variáveis tenham impacto na qualidade da

representação, uma vez que os partidos políticos são os mediadores entre os indivíduos e Estado, e servem como um “para-raios” para a percepção de falta de capacidade de resposta do sistema. Também pretendemos incluir variáveis sobre a situação econômica, principalmente aquelas sobre crises na economia, já que a frustração do indivíduo com sua situação financeira poderia ter um impacto negativo sobre os partidos incumbentes, por exemplo (Leppink, 2008), além de uma medida individual sobre a adesão a democracia, que nos permite testar a hipótese de Torcal (2003) e Poguntke (1996), se o antipartidário também estaria associado a uma maior ou menor adesão a esse tipo de regime.

Referências Bibliográficas

Anckar, Dag; Anckar, Carsten. 2000. Democracies without parties. *Comparative Political Studies*, 33(2): 225–247.

Bardi, Luciano. 1996. Anti-party sentiment and party system change in Italy. *European Journal of Political Research*, 29(3): 345-363.

Bélanger, Eric. 2003. Anti-partysm and third-party vote choice: a comparison of Canada, Britain and Australia. Edinburgh, *European Consortium for Political Research Joint Sessions of Workshops Edinburgh*.

Borba, Julian; Gimenes, Éder; Ribeiro, Ednaldo. 2015. Os determinantes do ativismo partidário na América Latina. *Revista Latinoamericana de Opinión Pública*, (5): 13-47.

Braga, Maria do Socorro Sousa; Pimentel Júnior, Jairo. 2011. Os partidos políticos brasileiros realmente não importam?. *Opin. Publica*, 17 (2): 271-303

Casalecchi, Gabriel. 2016. *O legado democrático e as atitudes democráticas: efeitos diretos, indiretos e condicionados*. Tese de doutorado, Universidade Federal de Minas Gerais.

Casalecchi, Gabriel; Gimenes, Éder. 2017. Partidarismo e Legado democrático na América Latina. Caxambu, *41º Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Ciências Sociais (ANPOCS)*.

Dahl, Robert. 1997. *Poliarquia: participação e oposição*. São Paulo: Universidade de São Paulo.

Dalton, Russell. 2013. *The Apatisan American: Dealignment and Changing Electoral Politics*. Washington, DC: Sage.

Dias, Audrey. 2018. O antipartidarismo na América Latina: debates conceituais e proposta metodológica. In: Veiga, L.; Ribeiro, E. A.; GIMENES, E. (Orgs). *Comportamento político e opinião pública: Estudos sobre Brasil e América Latina*. Curitiba: CPOP, p. 155-176.

Gidengil, Elisabeth; Blais, André; Nevitte, Neil; Nadau, Richard. 2001. The correlates and consequences of anti-partyism in the 1997 Canadian election. *Party Politics [online]*, 07 (04): 491-513.

Gidengil, Elisabeth; Blais, André; Nadeau, Richard; Nevitte, Neil. 2002. Changes in the party system and anti-party sentiment. In W. Cross (ed.), *Political Parties, Representation, and Electoral Democracy in Canada*. Don Mills: Oxford University Press, p. 68-86.

Gimenes, Éder. 2015. *A relação dos eleitores com os partidos políticos em novas democracias: partidatismo na América Latina*. Tese de doutorado, Universidade Federal de Santa Catarina.

Gimenes, Éder; Borba, Julian; Carreirão, Yan; Ribeiro, Ednaldo. 2015. Determinantes individuais e de contexto da simpatia partidária na América Latina. Caxambu, *Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Ciências Sociais (ANPOCS)*.

Kestilä-Kekkonen, Elina. (2009). Anti-party sentiment among young adults. **Nordic Journal of Youth Research**, Vol 17(2), p. 145–165.

Latin American Public Opinion Project. *Banco de dados*. 2006.

Latin American Public Opinion Project. *Banco de dados*. 2008.

Latin American Public Opinion Project. *Banco de dados*. 2010.

Latin American Public Opinion Project. *Banco de dados*. 2012.

Leppink, E. 2008. *Voice, loyalty or exit: Anti-partyism and the vote in Denmark, Norway and New Zealand*. Dissertação de mestrado, Universidade de Twente.

Lupu, Noan. 2015. Partisanship in Latin America. In: Carlin, R. E.; Singer, M. M.; Zechmeister, E. J. (Eds.). *The Latin American voter: pursuing representation and accountability in challenging contexts*. Ann Arbor: Michigan University, p. 226-245.

McGregor, Nicholas; Caruana, Nicholas; Stephenson, Laura. 2015. Negative Partisanship in a Multiparty System: The Case of Canada. *Journal of Elections, Public Opinion and Parties*, 25 (3): 300-316.

Medeiros, Mike; Noël, Alain. 2013. The forgotten side of partisanship: Negative party identification in four Anglo-American democracies. *Comparative Political Studies*, 47 (7): 1022-1046.

Miller, Arthur; Listhaug, Ola. 1990. Political Parties and Confidence in Government: a Comparison of Norway, Sweden and the United States. *British Journal of Political Science*, 20 (3): 357-386.

Paiva, D., Braga, M.S.S. e Pimentel Jr. J. 2007. Eleitorado e partidos políticos no Brasil. *Opinião Pública*, 13 (2): 388-408.

Poguntke, Thomas. 1996. Anti-Party Sentiment – Conceptual Thoughts and Empirical Evidence: Explorations into a Minefield. *European Journal of Political Research*, 29 (03): 319–344.

- Poguntke, Thomas; Scarrow, Susan E. 1996. The politics of anty-party sentiment: Introduction. *European Journal of Political Research*, 29 (03): 257-262.
- Przeworski, A.; Alvarez, M.; Chieub, J. A.; Limongi, F. (1997) O que mantém as democracias? *Revista Lua Nova*, 40(41): 113- 135.
- Ribeiro, E.; Carreirão, Y.; Borba, J. 2011. Sentimentos partidários e atitudes políticas entre os brasileiros. *Revista Opinião Pública*, 17 (2): 333-368.
- Rosenblum, Nancy. 2010. *On the side of the angels: Na appreciation of parties and partisanship*. Princeton: Princeton University Press.
- Salinas, Eduardo; Booth, John. 2011. Micro-social and Contextual Sources of Democratic Attitudes in Latin America. *Journal of Politics in Latin America*, 3(1): 29-64.
- TORCAL, Mariano. 2003. *Political disaffection and democratization history in new democracies*. [Online]. Disponível em: <
https://kellogg.nd.edu/sites/default/files/old_files/documents/308_0.pdf>
- Torcal, Mariano; Monteiro, José Ramón; Gunther, Richard. 2002. Ciudadanos y partidos en sul de Europa: los sentimientos antipartidistas. *Revista Española de Investigaciones Sociológicas*, 101 (03): 09-48.
- Verba, S.; Schlozman, K. L.; Brady, H. E. 1995. *Voice and equality: civic voluntarism in American politics*. Cambridge: Harvard University.
- Wang, C. H. 2014. The effects of party fractionalization and party polarization on democracy. *Party Politics*, 20 (05): 687- 699.
- Wattenberg, M. P. 2003. Electoral turnout: the new generation gap. *British Elections & Parties Yearbook*, 13 (01): 159-173.
- Yebra, Covadonga Meseguer. 1998. Sentimientos Antipartidistas en el cono sur: un estudio exploratorio. *América Latina Hoy*, (18): 99-112.

Anexo 1 – Modelo Nulo

| | Modelo Nulo (nível 2) | Modelo Nulo (nível 1) |
|-----------------------|-----------------------|-----------------------|
| Intercepto | -1.05*** (0.11) | -1.03*** (0.02) |
| AIC | 23874.07 | 25493.93 |
| BIC | 23890.19 | 25502.00 |
| Log Likelihood | -11935.03 | -12745.97 |
| Num. obs. | 23457 | 23457 |

| | | |
|-------------------------------|------|----------|
| Num. grupos: pais | 18 | |
| Var: pais (Intercepto) | 0.21 | |
| Desvio padrão | | 25088.22 |

*** $p < 0.001$, ** $p < 0.01$, * $p < 0.05$

APÊNDICE METODOLÓGICO

Informações técnicas das variáveis utilizadas nesta pesquisa:

Simpatia partidária [2012]

[vb10] Atualmente o(a) sr./sra. simpatiza com algum partido político?

Codificação: 1 = Sim
2 = Não

Recodificação: 0 = Sim

1 = Não

Democracia sem partidos [2012]

[dem23] Pode haver democracia sem que existam partidos políticos. Até que ponto concorda ou discorda desta frase?

Codificação: 1 = Discorda muito
2 = 2
3 = 3
4 = 4
5 = 5
6 = 6
7 = Concorda muito

Recodificação: Não necessária

Sentimentos por partido político (SPP) [2012]

Índice criado a partir da multiplicação das variáveis de simpatia política e democracia sem partidos políticos, com a primeira recodificada.

Codificação: 0 = Simpatia partidária
1 = 1
2 = 2
3 = 3
4 = NA
5 = 5
6 = 6
7 = Antipartidário

Recodificação: 0 = Simpático aos partidos

1 = Não-partidário [1 a 3]

2 = Antipartidário [5 a 7]

Antipartidarismo [2012]

Criado a partir da variável índice de Sentimento por Partidos Políticos, com a variável recodificada

Codificação: 0 = Simpático aos partidos
1 = Não-partidário [1 a 3]
2 = Antipartidário [5 a 7]

Recodificação: 0 = Simpático aos partidos e Não-partidários
1 = Antipartidários

Extremismo Ideológico [2012]

[L1] Agora, para mudar de assunto... Nesse cartão há uma escala, de 1 a 10, na qual o número 1 significa "esquerda" e o 10 significa "direita". Hoje em dia, quando se conversa de tendências políticas, fala-se de pessoas que simpatizam mais com a esquerda e de pessoas que simpatizam mais com a direita. De acordo com o sentido político que os termos "esquerda" e "direita" têm para o(a) sr./sra, onde o(a) sr./sra. se situa nesta escala?

Codificação: 1 = Esquerda
2 = 2
3 = 3
4 = 4
5 = 5
6 = 6
7 = 7
8 = 8
9 = 9
10 = 10

Recodificação: 0 = Não extremismo [3 a 8]
1 = Extremismo [1 e 2; 9 e 10]

Interesse por política [2012]

[pol1] O quanto o(a) sr./sra. se interessa por política: muito, algo, pouco ou nada?

Codificação: 1 = Muito
2 = Algo
3 = Pouco
4 = Nada

Recodificação: 0 = Nada
1 = Pouco
2 = Algo
3 = Muito

Eficácia Política Subjetiva [2012]

[eff2] O(A) sr./sra. sente que entende bem os assuntos políticos mais importantes do país. Até que ponto concorda ou discorda desta frase?

Codificação: 1 = Discorda muito
2 = 2
3 = 3
4 = 4
5 = 5
6 = 6
7 = Concorda muito
Recodificação: 0 = Baixa [1 a 4]
1 = Alta [5 a 7]

Percepção da corrupção [2012]

[exc7] Considerando sua experiência ou o que ouviu falar dos funcionários públicos, a corrupção dos funcionários públicos é... ?

Codificação: 1 = Muito comum
2 = Algo comum
3 = Pouco comum
4 = Nada comum

Recodificação: 0 = Incomum [1 e 2]
1 = Comum [3 e 4]

Escolaridade [2012]

[ed] Qual foi o último ano de escola que o(a) sr./sra. Terminou

Codificação: Aberta

Recodificação: 0 = Analfabeto

1 = Até Ensino Fundamental completo [1 a 11]
2 = Até Ensino Médio completo [12 a 15]
3 = Ensino pós-Médio ou Superior incompleto [16]
4 = Ensino Superior completo ou Pós-graduação [17 anos ou mais]

Faixas de idade [2012]

[q2y] Em que ano o(a) sr./sra. nasceu?

Codificação: Aberta

Recodificação: 1 = 16 a 24 anos

2 = 25 a 34 anos
3 = 35 a 54 anos
4 = 55 anos ou mais